A REAÇÃO AO PATRIARCADO: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM PROTAGONISTA DO ROMANCE *ORGULHO E PRECONCEITO* DE JANE AUSTEN[1]

Thais Noia Crispim[2]
Elis Regina Fernandes Alves[3]

RESUMO: Esse artigo tem por finalidade fazer uma análise feminista do romance *Orgulho e preconceito,* de Jane Austen, com foco na personagem protagonista Elizabeth e como ela se comporta diante das regras patriarcais de sua sociedade. Para isso, discorre-se sobre o papel da mulher nas sociedades patriarcais, principalmente no século XIX, o feminismo como movimento social, as conquistas das mulheres e o feminismo como crítica literária. A pesquisa foi bibliográfica, com o uso de teóricos como Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a e b), Bonnici (2007), Perrot (2007), Woolf (1990), Millet (1970). A análise revela que a obra retrata como o sexo feminino era visto como inferior diante da sociedade patriarcal e conservadora, onde a mulher não possui direitos. A protagonista do romance quebra esses padrões, não aceita essa imposição de submissão, e faz suas próprias escolhas. Elizabeth, se mostra à frente de seu tempo na maior parte da narrativa, mas no final ela se rende ao casamento, pois era difícil romper com toda as amarras sociais.
Palavras-Chave: Feminismo; feminismo Literário; *Orgulho e preconceito*.

Abstract: This article has the purpose to make a feminist analysis of the novel *Pride and prejudice*, of Jane Austen, with focus on the protagonist Elizabeth, and how she behaves face of the patriarchal rules from her society. It is discussed about the role of the woman in patriarchal societies, mainly in XIX century, the feminism as a social movement, the achievements of women and the feminism as a literary criticism. The research was bibliographic, with theorists such as Alves and Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a and b), Bonnici (2007), Perrot (2007), Woolf (1990), Millet (1970). The analysis reveals that the work portrays with how the female sex was seen as inferior before the patriarchal and conservative society, where the woman has no rights. The protagonist of the novel breaks these patterns, does not accept this imposition of submission and makes her own choices. Elizabeth is ahead of her time for the most part of the narrative, but in the ending, she surrenders to marriage, because it was difficult to break with all the social impositions.
Key Words: Feminism; Literary Feminism; *Pride and prejudice*.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre sobre a reação ao patriarcado numa análise da obra *Orgulho e preconceito,* de Jane Austen, publicado em 1813, no modo como as personagens principais lidam com as ordens impostas ao gênero feminino, com foco na protagonista Elizabeth Bennet. Sabe-se que durante muito tempo o papel das mulheres ao longo dos séculos era de submissão aos homens, sendo-lhes vetado o trabalho fora de casa, com exceção do trabalho doméstico. Além disso, tinham a função de cuidar dos filhos e da casa. O casamento era também uma imposição, não tinham o direito de

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.
[2] Acadêmica do Curso de Letras IEAA/UFAM.
[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

escolher com quem se casariam. Além disso, a virgindade era símbolo de seu caráter, e como não podiam estudar, permaneciam em uma posição de inferioridade e dependência. Porém, aos poucos, começaram a questionar tais obrigações restritos em movimentos que, posteriormente, foram conhecidos como feminismos. É este tipo de observação que o feminismo literário, teoria a ser utilizada neste trabalho, propõe, ou seja, analisar obras literárias para entender a representação das personagens femininas como submissas ou não, como obedientes ou como rebeldes.

Objetiva-se observar como a personagem protagonista Elizabeth, do romance em questão, realmente se comportava em relação ao patriarcado e também como as personagens secundárias reagem às imposições sociais. Busca-se identificar como as personagens principais se adequam ou não ao que era imposto para as mulheres em termos de casamento, relações amorosas e submissão familiar.

A metodologia a ser utilizada para a elaboração do trabalho será de cunho qualitativo, através de levantamento teórico bibliográfico com base em Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a e b), Bonnici (2007), Perrot (2006), Woolf (1990), Millet (1970), Zolin (2003 a e b), entre outros, utilizando a crítica literária feminista para perceber as funções impostas às mulheres ao longo do fim do século XVIII e início do século XIX, bem como o modo como a literatura reflete estas obrigações.

Haverá o levantamento histórico sobre o papel da mulher, com foco no fim do século XVIII e início do XIX, seus direitos e deveres, para depois realizar um levantamento teórico sobre o feminismo na literatura, o modo como a representação das personagens femininas evoluiu, conforme as mulheres passaram a escrever mais. Ao fim, serão extraídos trechos do romance em foco para se evidenciar como a personagem protagonista, Elizabeth, se comporta diante das regras patriarcais de sua sociedade.

2. **O PAPEL DA MULHER NAS SOCIEDADES**

O papel na mulher na sociedade, ao longo dos séculos, era servir aos homens, sendo que ela não tinha o direito de trabalhar, não podia escolher seu marido, devia se casar, ter filhos, devia realizar serviços domésticos, que eram desvalorizados pelos homens. Além disso, devia se manter virgem, obediente, submissa, sem questionar as ordens patriarcais e sua posição de inferioridade. Segundo Alves e Pitanguy, até o século XIX “a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre”

(1985, p. 11). Nota-se que a mulher era vista como um objeto, um servo, e não tinha o mesmo *status* do homem.

A mulher tinha algumas funções dentro da sociedade, porém não eram iguais às dos homens, mas aquelas que eles não queriam exercer e, justamente por isso, criou-se a ideia de que tais funções eram próprias das mulheres. Eram atividade consideradas menos importantes socialmente, como observam Alves e Pitanguy:

> Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava. Amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola. (1985, p. 11-12)

Além da obrigação de ser mãe, socialmente impôs-se somente à mulher a obrigação de cuidar e educar os filhos e havia ainda o dever de cuidar da casa, entre outros serviços, todos eles domésticos e desvalorizados. A mulher não recebia nenhum tipo de valorização, ou agradecimento pelos seus trabalhos. Deveria cumprir com todas as suas obrigações não recebendo nada em troca. As mulheres contribuíam com todos os serviços, até mesmo os mais pesados. Segundo Beauvoir (1980a) "[...] somente as fêmeas domésticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais" (p. 86). Beauvoir critica o fato de as mulheres serem tratadas como objetos, meras reprodutoras e donas-de-casa, sem que sua capacidade intelectual seja valorizada.

As mulheres tinham como obrigação, ainda, se casarem, não podendo ser mães se solteiras. Como afirma Beauvoir (1980b) " O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento [...]" (p.165). A ideia do casamento é incutida na moça desde muito jovem, como afirma Beauvoir "De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem" (1980b, p. 66). A sociedade obrigava a mulher a se casar, se não ela ficaria malvista em seu círculo social e também sem a sua herança, pois não tinha poder algum sobre o dinheiro e nem propriedades em seu nome, somente homens podiam ter posses. (MICHEL, 1982). Além de obrigadas ao casamento, deveriam se casar com um homem com a mesma classe social do que ela ou superior para ser considerado um bom casamento. O casamento com alguém mais pobre era visto como algo indigno, mas a culpa sempre recairia sobre a mulher que não havia "conseguido" melhor partido, dados seus próprios defeitos.

A liberdade de escolha da mulher sempre foi bastante restrita, pois, embora fosse obrigada a se casar, não tinha o poder de escolher o seu próprio marido, o que se perpetuou até o século XIX, se repetindo, muitas vezes, ao longo do século XX. O casamento era arranjado pelo pai, com relação ao seu dote. Segundo Beauvoir (1980b) " durante muito tempo os contratos foram assinados entre o sogro e o genro, não entre o marido e a mulher[...]" (p. 166-167). O pai e o futuro marido decidiam o futuro da mulher, ela não podia sequer negar o casamento, se não ela seria julgada como inconsequente, ingrata e voluntariosa, correndo ainda o risco de ser deserdada ou enviada a um convento. Beauvoir analisa essa liberdade dada às mulheres: "A liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato — salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado — abaixa-a ao nível do parasita e do pária; o casamento é seu ganha-pão e a única justificação social de sua existência." (1980b, p 167). Após o casamento, ela deveria ser submissa ao seu marido, por isso Beauvoir ironiza essa falsa liberdade. Não podia ser divorciada, pois a sociedade a julgava muito, o divórcio não lhe era permitido até meados do século XX. Ela não teria direito a ter um segundo casamento, já que ela não seria mais pura e talvez tivesse filhos. A mulher casada não tinha o direito de se negar a ter filhos. Ela deveria ser uma mulher fértil e ter quantos filhos o marido desejasse.

As mulheres não podiam ter relação sexual antes do casamento, pois seriam consideradas impuras, indignas. Se rompessem esta regra, elas eram obrigadas a sair de casa e perderiam toda a sua herança, sendo obrigadas a se prostituir, mas os homens tinham o direito a ter relação sexual fora do casamento. Beauvoir comenta como há uma relação entre as proibições sociais e as pessoais às mulheres: "No plano social, como no plano sexual, novas aspirações nela só despertam para permanecerem insatisfeitas; todos os seus impulsos de ordem vital ou espiritual são imediatamente freados." (BEAUVOIR, 1980b, p. 98). Ou seja, suas vontades ou impulsos, eram restritos ao que os pais, familiares e a sociedade à sua volta lhes determinava.

A mulher não tinha direito de estudar, ela deveria aprender atividades básicas, trabalhos domésticos e etiqueta, como retratam Alves e Pitanguy (1985): "[...] que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível" (XENOFONTE apud ALVES E PITANGUY, 1985, p.12). Se a mulher tivesse direito a estudar, seria em um nível inferior ao dos homens, pois havia o medo de permitir que as mulheres acessassem mais conhecimentos do que eles. Até o final do século XIX, a maioria das universidades não aceitavam mulheres. Quanto menos a mulher sabe, menos ela

questiona. A mulher não tinha o direito de questionar, se intrometer nas conversas dos homens, somente os homens tinham esse direito, por isso, até mesmo entrar na vida pública e política era negado à mulher, até início do século XX na maior parte das sociedades ocidentais. Ela não podia saber mais do que os seus deveres domésticos. Por isso, o direito ao voto não era concedido a elas, sendo que travaram lutas grandes para poder consegui-lo, o que só ocorreu no século XX, a partir de 1920 nos Estados Unidos.

As mulheres que se negavam a casar, obedecer aos seus maridos e servir de acordo com que o que a sociedade obrigava, eram vistas como selvagens, indignas ou até mesmo bruxas. Não podiam ter os mesmos conhecimentos que os homens, nem trabalhar com as mesmas coisas do que eles. Somente os homens podiam ter conhecimento e mexer com as ervas medicinais, por exemplo. Se as mulheres tivessem acesso a isso seriam consideradas feiticeiras, um estereótipo criado de propósito para inferiorizar a capacidade feminina de lidar com tais assuntos considerados apenas masculinos, como observam Alves e Pitanguy:

> Existe, nessa perseguição às "feiticeiras", um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino. (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 21)

Sofriam perseguição dos homens e também da sociedade em que elas estavam inseridas, não tinham o direito de sair da norma padrão que era estabelecida, não podiam ter os mesmos conhecimentos dos homens. Deviam ouvir, aprender e saber o menor número de coisas possíveis. Para tentar fugir destes rótulos, as mulheres começaram a se unir, pois perceberam que as lutas conjuntas é que as levariam a mudar tais situações.

3. OS FEMINISMOS

As mulheres começaram a se manifestar com movimentos sociais e também com movimento literário. A primeira feminista inglesa a se manifestar foi Mary Astell no ano de 1730, com o seu documento *Some Reflexions Upon Marriage*, em que questiona a situação da mulher dentro da sociedade familiar, ironizando a sabedoria masculina, descrevendo a relação homem e mulher como um ambiente não tão romântico como se costumava pensar. As mulheres eram tratadas quase como escravas, não tinham voz, somente obedeciam, e os homens possuíam um poder absoluto nas famílias. Na França, em 1789, Marie Olympe Gouges em *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*,

defende a ideia de que homens e mulheres deveriam ter direitos e deveres iguais. Gouges também questiona o fato de que as mulheres deveriam reivindicar mais liberdade democrática para si (ZOLIN, 2003a).

No final do século XVIII, Mary Wollstonecraft escreve *A Vindication of the Right of Woman*, falando da necessidade de as mulheres também terem acesso à educação e assim conseguirem adquirir a tão desejada independência, para que não dependessem mais financeiramente dos homens, e que pudessem conseguir a igualdade dos sexos, o que vai ser reforçado por Virginia Woolf no século XX. Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, em 1840, nos Estados Unidos, eram duas ativistas que trabalhavam para garantir os direitos das mulheres. Elas criaram a "National Woman Suffrage Association", uma associação que reivindicava o voto feminino. (ZOLIN, 2003a). Lucy Stone também era ativista e criou a "American Woman's Suffrage Association", que, além dos direitos que as ativistas Stanton e Anthony reivindicavam, lutavam pela causa do divórcio. Por estarem reivindicando os mesmos direitos, resolveram juntar as duas associações e fundar, em 1890, a "National American Woman's Suffrage Association" (NAWSA), que em 1920 trouxe o direito ao voto às mulheres nos EUA.

A partir de 1850, na Inglaterra, petições foram enviadas com o intuito de conceder às mulheres o direito ao voto, que só foi obtido no ano de 1928. Outros direitos solicitados pelas mulheres foram o de administrar seus bens, o que deu origem à "Lei de Propriedade da mulher casada", e também campanhas contra a lei que exigia das mulheres que pudessem ser suspeitas de prostituição a obrigatoriedade de fazer exames. (ZOLIN, 2003a).

Outra situação da qual a mulher era excluída era a escrita. Somente os homens escreviam, descreviam as mulheres, falavam por elas, mas nos pensamentos deles "as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas" (PERROT, 2007, p.17). As mulheres não tinham voz para falar de si. Somente os homens tinham direito a descrever as mulheres, pois criava-se a ideia de que a mulher não era digna de deter conhecimentos: "Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso" (PERROT, 2007, p.91). As mulheres que tentavam saber de algo que não era do seu cotidiano ou coisas da casa eram castigadas, sofriam determinadas consequências, e o discurso religioso apoiava essa ideia.

As mulheres não podiam escrever e publicar nessa época. Era uma realidade muito distante: “à primeira vista, é algo quase impossível, devido a predominância do patriarcalismo manifestado na exaltação do escritor e na marginalização da mulher” (BONNICI, 2007, p.76). Um dos subterfúgios utilizados pelas mulheres até o século XIX era utilizar pseudônimos masculinos em suas obras, para que pudessem escrever e não serem hostilizadas pelos demais, sendo que Mary Ann Evans, que usou o pseudônimo de George Eliot para poder publicar, é um dos casos mais conhecidos. No início da carreira, as irmãs Brontë também tiveram que publicar com nomes masculinos, embora tivessem conseguido mudar isso e depois passaram a publicar com seus nomes reais, como foi o caso da publicação de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, em 1847.

Os textos literários mencionados acima serviram como uma pequena mostra de como nasceu a tradição da literatura de autoria feminina e o início da crítica feminista na Europa e na América, em contraposição à autoria masculina, que até então era a única considerada digna de compor o cânone literário.

4. O FEMINISMO LITERÁRIO COMO CRÍTICA

Após reivindicações de lugares e funções sociais, no século XX as mulheres já tinham certo acesso à educação básica e superior, e começaram a ser reconhecidas. Segundo Perrot:

> [...] no século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. (2007, p.11).

As mulheres então passaram a ser reconhecidas como escritoras, já que até o século XIX, raramente conseguiam escrever e publicar as suas próprias obras com o seu verdadeiro nome, e algumas escritoras já teorizavam o feminismo na literatura, como Virgínia Wolf (1882-1941), escritora e ensaísta, uma das precursoras da crítica feminista, por sua autoria em romances, contos, ensaios e crítica literária, que tematizaram a mulher e a sua relação com a literatura. Em *Um teto todo seu* fala sobre como as circunstâncias interferem no trabalho da mulher escritora e também as questões que trazem constrangimento intelectual (BONNICI, 2007).

Woolf afirma que para se tornar uma escritora de qualidade, a mulher necessita, além da própria criatividade e intelectualidade, ter conhecimentos mais aprofundados de mundo: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser

escrever ficção" (WOOLF, 1990, p. 8). Entende-se que as mulheres precisam ter um local só delas para poder escrever, serem independentes. Isso só poderia acontecer quando as mulheres pudessem trabalhar em paz, tendo independência financeira, e ainda através de muitas leituras de temas variados, com a chance de estudar em boas escolas, de poder viajar e conhecer outros países, outras sociedades, e ter a possibilidades de serem livres daquela ideia de opressão masculina, só assim a sua escrita seria livre, realmente feminina e de qualidade, sem rancores e sem amarras. Nos séculos XVII e XVIII, as mulheres não conseguiam escrever sem esses empecilhos, o que lhe atrapalhava o talento e diminuía o valor de seus escritos. Apesar de todas essas barreiras, é imprescindível reconhecer o valor que essas escritoras oitocentistas tiveram para a consolidação da tradição literária feminina (WOOLF, 1990).

No século XX, Simone de Beauvoir revoluciona as discussões sobre o que é ser mulher de duas maneiras significativas: mostra que por um lado a mulher sofre opressão e ao mesmo tempo indica formas de libertá-la dessa opressão. Quando Beauvoir afirma: "Não se nasce mulher, faz-se mulher" (BEAUVOIR, 1980a, p. 249) quer dizer que a mulher é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel. Acredita que o fato de a mulher procriar e por esse motivo, ficar mais vulnerável fisicamente, faz com que não consiga desenvolver atividades que muitas vezes são delegadas apenas ao homem, tornando-a frágil, fazendo com que o homem, por ser fisicamente superior à mulher, se destaque e passe a ser tratado como o sexo forte, de modo que a mulher seja considerada o outro sexo, contra o qual o sexo masculino precisa se afirmar. Beauvoir rompe com este destino tradicionalmente feminino, esperado e imposto pela sociedade e faz de sua vida algo completamente diferente do esperado para uma mulher, se torna uma crítica literária.

Para Simone de Beauvoir as mulheres acabam se submetendo às ordens sexistas por conta da educação recebida, que se centra nas ideias patriarcais, e por toda a sociedade à sua volta ser patriarcal e impor como verdade a superioridade masculina. Com esse tipo de educação, é muito raro não repetir esses estereótipos sobre a mulher, e eles acabam sendo aceitos como corretos.

Apoiando-se em todas estas estudiosas do papel da mulher nas sociedades, na literatura, nas artes e em outros campos, nos anos 60 e 70, Millet e Showalter, com os seus estudos sobre o papel das personagens femininas, criam a sistematização do feminismo literário. No feminismo de Kate Millet, há uma grande consciência política, que aborda temas como a posição da mulher nos romances canônicos não ser o de protagonistas, mas de personagens secundárias. Segundo Millet:

> Em primeiro lugar, uma revolução sexual acabaria com a instituição patriarcal, abolindo tanto a ideologia da supremacia do macho como a tradição que a perpetua através do papel, condição e temperamento atribuídos a cada um dos dois sexos. (MILLET, 1970 p.10)

Para Millet, assim como para Beauvoir, por muitos anos, os papéis ditos femininos eram repressivos, caracterizando-se pela dominância do homem e subordinação da mulher. As mulheres tinham algumas funções que as colocavam, teoricamente, em uma posição de inferioridade ao homem, como: "a gravidez, o parto, a menstruação diminuía sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência" (BEAUVOIR, 1980a, p.82). Na literatura, as funções das mulheres eram de reprodução e também cuidar da casa. Millet compreende que para acabar com este padrão ideológico na representação das personagens femininas, era necessária, na vida prática, uma revolução social e a extirpação da imposição de estereótipos sobre a mulher, sempre vista como frágil e do homem sempre visto como forte, de modo que a literatura também recebesse influências dessa mudança de pensamento.

Outra feminista a estudar a literatura foi Elaine Showalter, nos anos 70, que com seus estudos sobre a mulher na literatura, identificou dois tipos de crítica: a "crítica feminista" e a "ginocrítica". A crítica feminista estuda as mulheres como leitoras. A ginocrítica estuda as mulheres que se dedicavam como escritoras, entendendo como a escrita apontaria a psicodinâmica da criatividade feminina, através do imaginário da mulher. (ZOLIN, 2003b). A escrita de autoria feminina é diferente da masculina em termos de temas, uso de linguagem literária e na representação de personagens femininas. Showalter dividiu em 3 fases a escrita de autoria feminina literária: feminina, feminista e fêmea.

A fase feminina é melhor representada nas obras do século XIX, quando a escrita feminina imita a escrita masculina, repetindo estereótipos de cunho machista sobre as mulheres (ZOLIN, 2003b). As personagens femininas deste tipo de escrita estão um pouco à frente do seu tempo, pois acabam tendo certa voz no meio em que vivem, mas ao fim recaem no estereótipo de esposas. Emily Brontë, em *O morro dos ventos uivantes*, de 1847, cria a personagem feminina, Catherine, que representa bem este tipo de personagem. Catherine é ousada e busca impor suas vontades, mas o amor é seu objetivo maior.

A fase feminista é melhor representada no período do fim do século XIX e início do século XX, sendo marcada pela quebra da repetição dos modelos e valores dominantes.

A escrita feminina, e, às vezes, a masculina, dessa fase, buscam a igualdade de direitos, liberdade sexual e também a educação (ZOLIN, 2003b). Um exemplo é o romance de D.H. Lawrence, *O amante de Lady Chatterley*, de 1928, em que a personagem luta pelo divórcio e busca o prazer sexual.

A fase fêmea aparece com mais força em meados do século XX, com uma escrita marcada pela conscientização da autoafirmação da escrita da mulher, a busca da identidade própria, a autodescoberta, pois nota-se que a vivência da mulher é diferente da do homem e, portanto, seu discurso e, consequentemente sua escrita, será diferente. (ZOLIN, 2003b). Um exemplo de escrita dessa fase é a obra de Alice Walker, *A cor púrpura*, de 1982, que trata de uma personagem feminina que consegue, após libertar-se de um casamento violento e ter independência financeira, descobrir a própria sexualidade e aceitar-se como lésbica.

5. ANÁLISE FEMINISTA DO ROMANCE *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN

Jane Austen viveu no período de 1775 a 1817 e foi uma escritora inglesa, considerada uma romancista muito importante. As obras de Austen tematizam a sociedade inglesa da época e seus costumes, principalmente as relações amorosas e matrimoniais. Austen viveu junto da sua família na zona rural da Inglaterra. Ela sempre escreveu, desde a sua adolescência, mas só foi reconhecida nos seus últimos anos de vida. Austen cresceu em uma família onde seu pai era tutor, ele recebia alunos em casa, possuía uma grande biblioteca, o que influenciou seu gosto pela leitura desde cedo. Suas principais obras são *Razão e sensibilidade* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816), *Northanger Abbey* (1818) e *Persuasão* (1818). (MUSSE, [s.d.]). Ainda assim, quando publicou sua primeira obra, *Razão e sensibilidade*, não assinou seu nome, mas apenas "por uma senhora", já que o mercado editorial raramente publicava obras de autoria feminina. Neste sentido, nota-se que Jane Austen, como autora, é muito representativa da fase feminina na literatura, em que a autoria feminina era pouco valorizada e as mulheres que ousavam escrever raramente usavam seus próprios nomes.

O romance *Orgulho e preconceito* inicia-se na casa da família Bennet, que é composta pelo Sr. Bennet, a Sra. Bennet e as suas cinco filhas: Jane, Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia. O objetivo da sra. Bennet era casar as suas filhas, e então chegou um novo

rapaz na cidade, Sr. Bingley, e ele deu um baile para poder conhecer todos que ali habitavam. No baile, Bingley se mostrou muito interessado por Jane, chamou-a para duas danças. Elizabeth ouve Darcy, que é amigo do Sr. Bingley, dizer que ela é bonita, mas não é o suficiente para ele, isso faz com que Elizabeth crie uma ideia negativa sobre ele. Jane é convidada pelas irmãs de Bingley para um jantar, e na ida pegou muita chuva e teve que passar uns dias na casa dos anfitriões, sua irmã Elizabeth ficou cuidando dela. Durante esse tempo o Sr. Darcy foi conhecendo melhor Elizabeth e começou a gostar dela.

Quando as meninas já haviam retornado para a residência delas, foram avisadas que receberiam a vista de seu primo, Sr. Collins. Já que ele não tinha nenhuma filha mulher, seus bens passariam para o parente homem mais próximo. Sr. Collins queria se casar com Jane, mas ela já estava para receber um pedido de casamento, então ele pediu Elizabeth em casamento, mas ela negou o pedido. Então ele se casou com Charlotte, amiga de Elizabeth que já estava passando da idade de casar e não era considerada bonita. Bingley e Darcy foram embora da cidade. Darcy se encontrou com Elizabeth e declarou o seu amor por ela, mas foi rejeitado em casamento, pois Elizabeth achava que ele tinha separado Bingley de sua irmã. Elizabeth descobre que Darcy era uma boa pessoa e que a culpa não era dele. Ao retornar para a sua casa no campo, Bingley pede Jane em casamento e ela aceita. Pouco tempo depois Darcy volta e pede novamente Elizabeth em casamento e ela aceita.

A família Bennet era uma típica família de classe média que vivia na Inglaterra, com cinco filhas mulheres. Nesta época, o dever dos pais era conseguir um casamento bom para as suas filhas, já que elas não podiam trabalhar, nem possuir bens, então se elas não se casassem ficariam dependentes de outras pessoas ou então deveriam ir para um convento ou se prostituir, pois não havia outras alternativas, na época, para mulheres sem marido ou pais que as sustentassem. As filhas eram, então, como um fardo para os seus pais. A mãe dessa família representa muito bem a esposa ideal dessa época, pois ela seguia as regras sociais, aceitava as imposições ao gênero feminino. Seu objetivo maior era casar as suas filhas, como se nota: "[...] Deve saber que ando pensando em casar uma delas..." e mostra que esse é o seu único objetivo quando fala "[...] Quando uma mulher tem cinco filhas crescidas, deve deixar de pensar em vaidades" (AUSTEN, 2010, p.10). A seu ver, assim como de toda a sociedade da época, o casamento era a garantia de uma boa vida: "Se eu pudesse ver uma das minhas filhas instalada em Netherfield, alegre e feliz – disse Mrs. Bennet ao marido –, e todas as demais igualmente bem-casadas, nada mais teria a

desejar" (AUSTEN, 2010, p.16). A chegada de Bingley, rapaz rico que aparece numa festa local, é uma boa oportunidade para essa mãe conseguir um casamento vantajoso para Jane, a filha mais velha. Rico, jovem e interessado na moça, seria o marido ideal, já que não havia outro destino para as mulheres, como já vimos em Beauvoir (1980b).

Na mesma festa, Elizabeth, se vê em meio a possíveis pretendentes e conhece Darcy, amigo de Bingley. Mas, Darcy é pejorativo sobre sua aparência: " – É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens[...]" (AUSTEN, 2010, p. 18). Uma das coisas que eram impostas à mulher era a beleza estética, ou então que ela fosse rica. Se a mulher fosse rica, obviamente apareceriam vários pretendentes e se a mulher não fosse tão rica assim, mas bela, também apareceriam vários pretendentes. Mas, se as mulheres fossem pobres e consideradas feias para o padrão imposto na época, dificilmente conseguiriam bons pretendentes. Mas, Elizabeth ao ouvir os comentários de Darcy, "[...] contou a história com muita graça às suas amigas, pois era de espírito alegre e brincalhão e se deleitava com tudo o que era ridículo" (AUSTEN, 2010, p.19). Elizabeth, diferente das mulheres daquela época, não chora e nem fica se lamentando pelo ocorrido, o que era incomum, pois então, o desprezo masculino feriria sobremaneira uma moça que buscasse um bom casamento.

Jane recebeu uma carta das irmãs de Bingley para um jantar em sua residência, e pede a carruagem emprestada, mas a sua mãe nega o pedido e diz que "[...] é melhor você ir a cavalo, pois parece que vai chover; e nesse caso você terá que pernoitar lá" (AUSTEN, 2010, p.42). Austen mostra a Sra. Bennet como uma personagem que é a típica mãe casadoira, um estereótipo comum na literatura oitocentista, cuja preocupação não é educar as filhas ou ter uma vida familiar feliz, mas conseguir um casamento rico para as mesmas. O plano de sua mãe dá certo, mas ela não imaginava que Jane ficaria doente e precisaria de mais tempo do que apenas uma noite lá. Elizabeth foi andando até a casa de Bingley para cuidar da irmã e, ao chegar, seu vestido sujo de lama causa comentários das irmãs de Bingley:

> [...] e assim que saiu da sala Miss Bingley começou a falar mal dela. Não achava boas as suas maneiras. Revelavam, a seu ver, um misto de orgulho e impertinência. Ela não sabia conversar, não tinha estilo, gosto, nem beleza. Mrs. Hurst pensava a mesma coisa e acrescentou:
> – Nada tem, em suma, que recomende, senão ser uma excelente andarilha. Nunca esquecerei como nos apareceu hoje de manhã. Parecia quase uma selvagem. (AUSTEN, 2010, p.46-47)

Uma moça naquela época não podia sair de casa sem rumo, na chuva, como Elizabeth fez. Elizabeth mostra que ela não está inserida, fixamente, na fase feminina, como pensado por Showalter, ela está à frente de seu tempo, como feminista, pois se rebela, não se comporta como as mulheres deviam se comportar e as irmãs de Bingley se comportam como era imposto naquela época, elas aceitavam essa imposição de regra, de boa conduta, elas reproduziam isso, da maneira como Beauvoir entendeu que muitas mulheres reproduziam os padrões patriarcais por serem educadas acreditando nisso como verdade. Ao notar este comportamento incomum numa moça, Darcy afirma:

> –Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isso? Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença toda campestre à mais elementar decência. (AUSTEN, 2010, p. 47).

Elizabeth tem a personalidade forte e mostra-se independente, diferente das moças de sua época. Demonstra não se importar com a opinião e pensamento das outras pessoas, e faz suas próprias escolhas. Isso faz com que Darcy comece a prestar mais atenção nela, porque ele também não era um homem típico dessa época, apesar de, inicialmente, ter olhado para sua aparência, o que era a primeira observação de homens sobre mulheres. Mas, aos poucos, ele se interessa pela inteligência de Elizabeth, depois começa a prestar atenção em outros traços:

> [...] Mas logo que declara a si mesmo e aos amigos que Elizabeth não possuía um só traço amigável no rosto, começou a achar que a bela expressão dos seus olhos negros dava àquele rosto um ar excepcionalmente inteligente. [...] Embora o seu olhar crítico houvesse descoberto mais de um defeito na simetria das suas formas, foi forçado a reconhecer que as linhas do seu corpo eram de grande pureza; e, apesar da sua afirmação de que as maneiras dela não eram as do mundo elegante, sentiu-se fascinado pela sua encantadora naturalidade[...]. (AUSTEN, 2010, p. 33)

Durante o tempo em que Elizabeth passou em Netherfield, Darcy começou a reparar mais no jeito dela, em como era inteligente e entendia de alguns assuntos, que exigiam leitura e um espírito curioso, agindo de modo oposto ao das irmãs de Bingley, sem ser fútil. Mas, "[...]Elizabeth ignorava tudo isso; a seus olhos Mr. Darcy era apenas o homem que não sabia ser agradável em parte alguma e que não a achara elegante o bastante para dançar com ele". (AUSTEN, 2010, p.33). Elizabeth era bastante orgulhosa e não cedia a nenhuma ação de Darcy, não demonstrava nenhum interesse, mesmo sabendo que ele era rico e seria o que na época se chamava de "um bom partido".

Elizabeth, então, não segue a ordem social, como vimos em Beauvoir, de procurar um bom casamento, pois começa a desprezar Darcy. O fato de Elizabeth não se comportar como as demais moças, ansiosas por agradar, faz com que Darcy se interesse mais por ela: "[...]começou a querer conhecê-la mais intimamente e, para conseguir conversar pessoalmente com Elizabeth, passou a interessar-se pela conversa dela com os outros. Essa sua virtude atraiu a atenção de Elizabeth[...]" (AUSTEN, 2010, p.33). Darcy demonstrou interesse pela inteligência de Elizabeth e, novamente, evidencia-se que Darcy não busca nas mulheres a submissão e o coquetismo, sendo, também, um homem atípico para a época. Como já vimos, a maioria das obras literárias desta época retrata mulheres estereotipadas como frágeis e dóceis e homens que apreciam este padrão, o que não acontece com a obra de Austen.

Na obra, evidencia-se a concepção de casamento tradicional, que é como uma aliança entre as famílias e também uma segurança financeira para as mulheres, já que elas dependiam dos seus maridos. As filhas não podiam gerir suas heranças, não poderiam possuir bens. Toda herança dos seus pais passaria para o parente homem mais próximo. Para que as mulheres pudessem ser independentes, para que elas pudessem ser o que elas quisessem, precisavam de autonomia financeira. No caso dos Bennet, como só possuíam filhas mulheres, a herança passaria para o parente homem mais próximo, que era o primo Collins "[...] que quando eu morrer, poderá expulsá-las todas desta casa, assim que o desejar[...]" (AUSTEN, 2010, p. 79). A respeito disso, relembramos o que diz Woolf "uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu" (1990, p. 8). Ora, para as filhas desta família, seria impossível terem este "teto todo seu", já que nem direito à herança dos pais elas teriam.

Ao chegar na casa dos Bennet, Collins deixou claro que gostaria que a herança continuasse com uma das meninas, pois ele se propunha a casar com uma delas, agindo como se fosse um grande benfeitor, ajudando as pobres moças. Collins se posiciona como o homem típico da época, que se acreditava um salvador de mulheres frágeis e indefesas. A primeira pessoa com a qual ele gostaria de se casar era a mais velha Jane, pois era a filha mais bonita, e a beleza estética era o que realmente importava, na maioria das escolhas matrimoniais em que o homem tinha vantagens, seria o herdeiro. Mas como ela tinha a hipótese de se casar com Bingley, ele fez o pedido a Elizabeth, mas ela o recusou, o que era inadmissível de se acontecer naquela época, uma moça não devia recusar um pedido de casamento, ainda mais havendo uma herança em jogo. Mas, Elizabeth não cede às pressões que a sociedade patriarcal impõe. Porém, sua vizinha Charlotte, que para os

padrões da época era considerada velha demais para se casar e não tão bonita, acaba aceitando o pedido de Collins em casamento, pois tinha medo de não conseguir outra proposta. Charlotte se submete ao casamento somente para ter um lar. Assim, é possível perceber como Collins trata as mulheres: são objetos. Inicialmente, escolheu a mais bonita, na impossibilidade desta, a segunda mais bonita. Com a recusa de Elizabeth, parte para uma terceira opção e escolhe aquela que estava disponível. Sua relação com o casamento é utilitarista, o que nos remete a como Beauvoir descreveu os casamentos, até meados do século XX "O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento" (BEAUVOIR, 1980b, p. 165). Às mulheres deveriam se casar, toda a sua vida ela se preparava para casar, se não ela sofreria consequências.

Um tempo depois Darcy se declara para Elizabeth dizendo que " – Em vão tenho lutado comigo mesmo; nada consegui. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu admiro e amo ardentemente" (AUSTEN, 2010, p.221). Mas, Elizabeth era muito orgulhosa e ela já havia sido desprezada por ele uma vez quando ele disse que ela não tinha beleza alguma e também acreditava que ele era o causador da mudança de Bingley para Londres. Mesmo apaixonada, ela não age como as mulheres de sua época, que não rejeitariam um casamento rico por orgulho. Elizabeth foge ao estereótipo de mulher da sua época, pois recusa um casamento vantajoso. Agiu de forma oposta ao que se esperava, pois então as mulheres não tinham o direito a escolha, e esse era o segundo pedido de casamento que ela recusava, mesmo correndo o perigo de ficar sem um lar, o destino das mulheres solteiras. Esta personagem se mostra à frente do seu tempo, pois foge da estereotipação da fase feminina e Elizabeth se mostrava quase que uma personagem típica da fase feminista, impondo suas escolhas.

Adiante na narrativa, Darcy fica um pouco mais próximo de Elizabeth, e quando estão juntos eles então conversam sobre o passado e também sobre os seus sentimentos, e se declara novamente:

> – Tenho a certeza de que é generosa demais para fazer pouco caso dos meus sentimentos. Se os seus são ainda os mesmos que manifestou em abril passado, diga-o imediatamente. *Minha* afeição permanece inalterada; basta porém uma única palavra sua para fazer com que me cale para sempre. (AUSTEN. 2010, p.412).

Evidencia-se que Darcy não seguia os padrões da época, ele era atípico, sendo mais parecido com um personagem da fase feminista, pois aceita as escolhas das mulheres. É incomum, também, que tendo sido rejeitado uma vez, se coloque novamente

numa posição de inferioridade, tentando, uma vez mais, casar-se com Elizabeth. Embora Elizabeth seja uma mulher à frente de seu tempo, que consegue fazer as suas próprias escolhas, no fim ela se adapta ao que era necessário, pois o casamento era a única opção para as moças pobres. Ainda assim, minimamente, conseguiu impor parte de suas vontades: a de não se casar com Collins apenas por interesse financeiro, e a de só aceitar Darcy quando tivesse certeza de ser amada.

O romance dá indícios da fase feminista várias vezes, Elizabeth é muito à frente do seu tempo, ela não recai nos estereótipos de mulher dócil, frágil, delicada, que se importa muito com a sua aparência, cujo objetivo era somente casar. Seguindo a ideia de Beauvoir, de ser aquilo que se queira ser, Elizabeth se transforma na mulher que ela realmente quer ser, independente, que escolhe seu próprio destino. Ela tem conflitos na sociedade onde vive e luta para firmar sua identidade. No final da história, se casa, pois não havia outro destino para ela, nem para as outras moças de então. Elizabeth tem opinião própria e se expressa, mesmo não agradando as outras pessoas, não tem medo de questionar, não correspondia às ideologias impostas pelo patriarcado. Mas, o final típico romântico coloca a protagonista na posição esperada para as mulheres: o casamento. Embora o seu casamento seja por amor e não por interesse, Elizabeth não é tão ousada a ponto de ser solteira para o resto de sua vida, pois ser solteira lhe traria diversas desvantagens, como ter que ir para o convento, não ter um teto. Ela representa bem a fase feminista, com a sua imposição, independência, com o seu caráter formado, sem medo de questionar e buscar a sua verdade. Mas, no final ela recai na fase feminina, se rende ao casamento, pois a sua vida como solteira seria algo incerto, não teria como se sustentar e viveria às custas de outras pessoas.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise feminista do romance *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, verificando como os personagens se posicionam diante das regras patriarcais. A análise destes personagens possibilita que o leitor possa compreender melhor como a personagem Elizabeth tem um comportamento diferente das mulheres de sua época, e também de como Darcy não era um homem típico de sua época.

Com a análise, pudemos perceber como era a sociedade inglesa nessa época, de como era a vida das moças em relação ao casamento, aos relacionamentos amorosos e as imposições familiares para que se casassem. Há regras, leis, e normas de etiquetas que a

personagem protagonista Elizabeth não segue, e é isso que a torna tão diferente das demais personagens.

Austen retrata vários temas dentro de sua obra, o casamento é o principal, pois uma das questões mais evidentes é a dificuldades econômica das mulheres, o que as encaminham para o casamento como a garantia de um futuro bom. E as mulheres deviam se submeter ao casamento, pois elas não tinham escolha, não possuíam bens, não tinham o direito de questionar. As mulheres se submetiam àquelas questões por conta do que era imposto pela sociedade, em questão de beleza, idade, condição financeira. Ao contrário da maioria das mulheres da época, notou-se que a personagem protagonista, Elizabeth, está à frente de seu tempo, pois consegue o direito de escolher o seu próprio marido, e se casar por amor, mas acaba recaindo no estereótipo de personagem da fase feminina pelo fato de se casar, e ver o amor como sua principal fonte de felicidade. Esta obra mostra que não há definições estáticas sobre as fases do feminismo literário, pois embora tenha sido publicada em 1813 e nesta época vigorava a representação estereotipada das mulheres, a protagonista passeia pelas fases, se mostra, muitas vezes, como feminista, e retorna à posição de feminina ao fim do romance.

Referências:

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

MICHEL, Andreé. **O Feminismo:** Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Trad. por Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MUSSE, Ricardo. A romancista pioneira. In: Panorama da Literatura Inglesa. *Revista Cadernos Entrelivros*. Ediouro: São Paulo. [s.d.]. p. 41.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. (org.) **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a, p. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b, p-253-261.